

JORNAL TRIBUNA de Macau

www.jtm.com.mo

澳門論壇日報

DIRECTOR: JOSÉ ROCHA DINIS

PREÇO: 10 PATACAS

AN

Necessário criar “anticorpos” contra a indústria do jogo

O académico Arvind Singhal defendeu em entrevista ao JTM a aplicação do conceito “Educação-Entretenimento” no desenvolvimento de anticorpos contra a indústria do jogo junto da população local. “É quando as pessoas estão inteiramente absorvidas em algo estimulante, especialmente se a atenção for sinónimo de diversão, que melhor retêm informação ou a mensagem que lhes é transmitida.”



Este é, em linhas mestras, o enquadramento do princípio básico ao qual Arvind Singhal dedicou a sua vida académica nos últimos anos. A sua aplicação, à escala das massas, resulta no conceito Educação-Entretenimento (EE) que trata a produção de

mensagens com características próximas do subliminar tendo como objectivo final a alteração dos padrões de comportamento de todo um público.

CENTRAIS

INVESTIGADOR ARVIND SINGHAL APLICA CONCEITO “EDUCAÇÃO-DIVERTIMENTO” À REALIDADE LOCAL

Macao deve criar anticorpo contra a indústria do jogo

Arvind Singhal defende em entrevista ao JTM a aplicação do conceito “Educação-Entretenimento” no desenvolvimento de anticorpos contra a indústria do jogo junto da população local

LUIS PEREIRA

“É quando as pessoas estão inteiramente absorvidas em algo estimulante, especialmente se a atenção for sinónimo de diversão, que melhor retêm informação ou a mensagem que lhes é transmitida.” Este é, em linhas mestras, o enquadramento do princípio básico ao qual Arvind Singhal dedicou a sua vida académica nos últimos anos.

A sua aplicação, à escala das massas, resulta no conceito Educação-Entretenimento (EE) que trata a produção de mensagens com características próximas do subliminar tendo como objectivo final a alteração dos padrões de comportamento de todo um público.

É a primeira vez que está em Macau, mas tem andado no “rasto dos portugueses”. Na-

tural de Deli onde se formou em Engenharia Mecânica, Arvind Singhal esteve por várias vezes em Goa e leccionou na Malásia, ficando a conhecer Malaca antes de rumar até aos Estados Unidos onde transformou o seu hobbie desde adolescente – comunicador de rádio – numa carreira de doutoramento.

Bem viajado e habituado às realidades asiáticas, não deixou de se afirmar “surpreendido pela positiva com a singularidade de Macau. Julgo que jamais encontrarei local idêntico no mundo onde costumes e tradições coabitam em harmonia”, afirmou.

Considerado uma sumidade na aplicação da teoria EE à qual dedicou várias obras, o investigador actualmente afecto aos quadros da Universidade de Ohio, EUA, veio à RAEM a convite da UM defender a sua aplicação no con-

texto socio-ecómico da indústria do jogo.

“Quando se pensa em casinos, surgem primeiramente as conotações negativas mas a indústria não deixa de ser útil à sociedade” ressalva Singhal referindo a criação de postos de trabalho e receitas para o Estado. “Jogar por divertimento faz parte da natureza humana, do seu sentido de risco e a quimera que lhe está associada – tanto mais nesta zona do mundo. A problemática dá-se quando se perde a perspectiva das coisas e é exactamente aí que a informação/educação desempenham um papel de relevo, mormente nas camadas mais jovens”.

Como? “Hoje existem meios para fazer chegar a informação às massas e isso traduz-se numa oportunidade inédita mas também no sentido de responsabilidade compartilhado

Sou Chio Fai desdramatiza atracção dos casinos por jovens em idade escolar



O director dos Serviços de Educação e Juventude encara com normalidade a subida do número de jovens que abandonam os estudos antes de concluírem o Ensino Secundário para procurarem o seu primeiro emprego nos novos casinos, noticiou ontem a TV Macau. A emissora referia-se a dados estatísticos ontem divulgados durante a reunião do Conselho de Educação que apontam para significativos aumentos nos números do abandono escolar no ano lectivo de 2003/2004. Sou Chio Fai afirmou aos jornalistas que depois de completarem o Ensino Obrigatório, os jovens com mais de 15 anos são livres para tomarem as suas opções. Por outro lado “para aqueles os alunos que manifestarem interesse em continuar com os seus estudos haverá vagas e os Serviços de Educação darão todo o apoio para viabilizar a sua frequência”, afirmou o responsável, acrescentado que “é a liberdade deles”.

por quem detém esse poder - de educar. E quem melhor o pode fazer senão a televisão, rádio e outros media...”

Telenovelas... são inter-culturais, comuns, naturais, típicas, humanas”, sublinha o académico. “Com os seus complexos enredos, prolongados por vezes durante anos e mesmo décadas, criam um espaço extremamente fértil para que o espectador se identifique e desenvolva empatias. Singhal serve-se de uma experiência de amplo sucesso conduzida pelos produtores da série televisiva “The Bold and the Beautiful” – emitida durante vários anos, inclusivamente pelas cadeias de Hong Kong – para expor as potencialidades. Os mentores do conceito Educação -Entretenimento conseguiram “persuadir os produtores do programa de Hollywood a arriscar” a sua audiência diária de largos milhões de pessoas com um guião onde uma das estrelas, um homem, jovem, saudável e realizado profissionalmente, contraía o vírus da SIDA – a cruzada do nosso interlocutor.

A intenção dos académicos passava por “sensibilizar mas também educar a audiência” sobre as questões que rodeiam um paciente terminal. Desde a forma como o médico informa o paciente e este à esposa e amigos, às implicações da doença no seu quotidiano, no casamento, o estigma e outros prismas, tudo foi explorado durante um ano de emissão, ao contrário dos receios dos produtores, as audiências cresceram cerca de dois por cento, “o que é significativo num universo multi-ético de 550 milhões em todo o Globo”, en-

quanto as chamadas telefónicas para nas linhas abertas de informação e apoio sobre a SIDA do Governo dos EUA aumentaram 20 vezes.

Transpondo para a realidade local o mesmo conceito – implementado com êxito noutros países como a Índia, no âmbito de uma campanha de doação de órgãos, Peru num projecto nacional de ensino para adultos ou México – Singhal realça “uma importante similaridade” entre o jogo compulsivo e outras enfermidades. “Não há uma vacina, ou melhor, a única vacina é a sensibilização social. Aliás, o jogo e a SIDA são semelhantes na medida em que são igualitaristas, sobrecuem sobre todos, e afectam maior número de indivíduos nas camadas com menores níveis de educação. Por outro lado, ambos se podem evitar com o desenvolvimento anticorpos, que passam pela sensibilização”.

As aplicações práticas deste princípio são “inúmeras” e, até certo ponto, inovadoras ao ser retirado do Estado o papel unilateral de sensibilizador que tem vindo a desempenhar (aleadamente com pouco sucesso devido ao métodos rudimentares utilizados) e incutindo

O drástico desenvolvimento económico, como o que a RAEM, a China, Índia e outras nações asiáticas registam, acarreta uma série de questões sociais que não podem deixar de ser endereçadas, por Governos e iniciativa privada, sob pena de se quebrarem os frágeis equilíbrios que formam o tecido de qualquer sociedade”

Aliás, o jogo e a SIDA são semelhantes na medida em que são igualitaristas, sobrecuem sobre todos, e afectam maior número de indivíduos nas camadas com menores níveis de educação. Por outro lado, ambos se podem evitar com o desenvolvimento anticorpos, que passam pela sensibilização”

na iniciativa privada a respectiva quota parte de responsabilidade social. Mas sem que daí retire prejuízos, muito pelo contrário – como se pode constatar pelas campanhas de patriotismo promovidas nas telas dos EUA no período pós 11 de Setembro rendendo milhões aos estúdios de Hollywood. “É uma situação em que todos ficam a ganhar”, argumenta Arvind Singhal acrescentando.

“Mas é agora que os anticorpos têm de se adquiridos”, quando toda a Ásia está mudar, “a um ritmo galopante” que contrasta com a “passividade” dos Velho e Novo Continentes, onde pouco ou nada constitui novidade. “O drástico desenvolvimento económico, como o que a RAEM, a China, Índia e outras nações asiáticas registam, acarreta uma série de questões sociais que não podem deixar de ser endereçadas, por Governos e iniciativa privada, sob pena de se quebrarem os frágeis equilíbrios que formam o tecido de qualquer sociedade”, argumenta o académico.

Aludindo à sua faceta de comunicador, Arvind Singhal foi instado a comentar a tendência editorial para a “dramatização” de eventos seguida pela comunicação social. A resposta for peremptória, “o desafio é contar uma história apelativa, mantendo sempre a integridade de factual. É disso que estamos a falar...”